SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



EXPOSIÇÃO DO "GRUPO DO LEÃO"

1 9 4 1

SOCIEDADE NACIONAL
DE BELAS ARTES

EXPOSIÇÃO DO
"GRUPO DO LEÃO"

1 9 4 1

ESTA EXPOSIÇÃO FOI INAUGURADA POR SUA EX.CIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA, GENERAL ANTÓNIO OSCAR FRAGOSO CARMONA, NO DIA 5 DE JULHO DE 1941

Cederam gentilmente os trabalhos que figuram nesta Exposição:

Câmara Municipal de Lisboa
Museu de Arte Contemporânea
Galeria do Palácio Nacional da Ajuda
Museu Provincial de José Malhôa
Museu Bordalo Pinheiro
Duquesa de Palmela
Dr. A. Anastácio Gonçalves
Agostinho Fernandes
Dr. Alfredo da Cunha
Dr. Bustorff Silva
Karl Andresen
Carlos Alberto Viana de Carvalho
Conde da Póvoa
Dr. Eduardo Caetano Nunes
D. Emília Bordalo Pinheiro
Ernesto Santos Bastos
Dr. Eurico Lisboa
João Rodrigues Vieira
Dr. José de Azevedo Perdigão
José Filipe Rodrigues
José da Costa
D. Judith Lupi Verol Aboim Vila Lobos
Luiz A. Pinto
D. Maria Emília Campos Ferreira da Silva
Marcelino Nunes Correia
D. Pedro de Melo e Castro
Raúl César Ferreira
Ribeiro Cristino
Visconde de Assêca
Visconde de Sacavém

Conferências que se realizam durante a Exposição, no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes

"COLUMBANO"

— pelo Prof. pintor Varela Aldemira

"O MODÊLO MANUEL D'ASSUMPÇÃO"

— pelo Prof. pintor Armando Lucena

"JOSÉ MALHÔA"

— pelo pintor Almada Negreiros

PATROCINAM ESTA REALIZAÇÃO
O JORNAL «DIÁRIO DE LISBOA»
E EMISSORA NACIONAL

O "GRUPO DO LEÃO"

As exposições da «Promotora», anos antes tão apreciadas, começavam a ter fraca concorrência, o que representava falta de interêsse pelas belas-artes. A decadência da sociedade manifestava-se de ano para ano, o que fazia com que os artistas se retirassem descontentes, enquanto outros expunham isoladamente. Na penúltima exposição da «Promotora», realizada em 1880, foram apresentados os primeiros trabalhos de Silva Pôrto, pintor portuense que há pouco terminara a sua educação artística em Paris, onde tinha sido discípulo do célebre paisagista Daubigny. Dotado de excepcional talento, as suas païsagens alcançaram grande êxito, e como estivesse vaga a cadeira de pintura da Escola de Belas Artes de Lisboa, foi a mesma confiada ao moço pintor.

A arte portuguesa ia tomar novo rumo, pois à volta de Silva Pôrto criara-se um ambiente de extraordinário interêsse. Os estudantes de pintura, figuravam no número dos admiradores, devendo êste facto ter certa influência na organização do chamado «Grupo do Leão». Columbano, concluído o curso, ia para França aperfeiçoar-se; Malhoa, arreliado com o resultado dos concursos para pensionista no estrangeiro, trocou os pincéis por chapéus de senhora, fazendo-se caixeiro de seu irmão; Rodrigues Vieira ia ocupar a cadeira de Desenho no Liceu de Leiria; Henrique Pinto, dedicava-se ao restauro de velhas pinturas; António Ramalho continuava os seus estudos de belas-artes; João Vaz passava o tempo em Setúbal, enamorado das águas do Sado; Girão e Cipriano Martins leccionavam particularmente; Ribeiro Christino — o mais novo de todos —, dedicava-se à gravura em madeira, trabalhando para as revistas da época, enquanto Rafael Bordalo caricaturava figuras e acontecimentos de então.

Ao tempo, havia as melhores relações entre artistas e literatos, nos quais se contavam Mariano Pina, Barros Lôbo — conhecido por «Beldemónio», Emídio de Brito que assinava por «João Sincero» e ainda Abel Botelho, Fialho

de Almeida, Monteiro Ramalho, José de Figueiredo «O Pinturas», Fortunato da Fonseca e Gualdino Gomes.

*
* *

A Cervejaria «Leão» da Rua do Príncipe, era o ponto de reünião da ilustre assembléia, à qual pertenciam também o entalhador Leandro Braga, João Rosa — que era amador de escultura — Bulhão Pato e ainda Soares dos Reis, quando descia do Pôrto à capital.

A arte era o assunto principal das discussões, por vêzes tão acaloradas, que o criado Manuel pedia moderação, pois a gritaria chamava a atenção das outras mesas... No outono de 1881, uma importante questão agitou o grupo: — a realização duma exposição de pintura!

Cruzaram-se alvitres, lançaram-se idéias e enquanto alguns aguardavam a decisão da «Promotora», Alberto de Oliveira, com o seu entusiasmo juvenil, procurava por tôdas as formas obter uma casa onde realizar a exposição, conseguindo a cedência das Salas da Sociedade de Geografia, então instalada num segundo andar da Rua do Alecrim.

Ia fazer-se finalmente a «Exposição de Quadros Modernos», como lhe chamavam, na qual apareceria, como nota original, um catálogo ilustrado com desenhos dos expositores gravados em zinco — novidade gráfica daquele tempo.

Em 15 de Dezembro de 1881, abriu a exposição — que foi a primeira do «Grupo do Leão» —, na qual figuravam setenta e cinco trabalhos de pintura e gravura. O sucesso alcançado foi tão grande, que em três semanas, se exgotou o catálogo, vendendo-se quási todos os trabalhos expostos!

Dentre os expositores, destacava-se Silva Pôrto, que além doutros trabalhos expôs um quadro com assuntos do Minho, logo adquirido pelo advogado Dr. Manuel de Arriaga. António Ramalho salientava-se com uma païsagem do Alfeite. José Malhôa, que voltara a pintar, apresentou a *Seara Invadida* — que depois causou sucesso em Madrid. Rodrigues Vieira expôs um trecho de Leiria. João Vaz estreava, eom a *Bênção das Rêdes*, as suas apreciadas marinhas. Moura Girão obteve enorme êxito com galináceos. Henrique Pinto mandou à exposição uma *Paisagem de Corróios*. Cipriano Martins apresentou um estudo de camponesa e Ribeiro Christino, além de provas de gravura em madeira, expôs o quadro *Lago do Jardim da Estrêla*.

*
* *

A romaria dos visitantes foi motivada pela propaganda feita na imprensa pelos literatos que acamaradavam com o «Grupo do Leão», o que

não quere dizer se não espalhassem boatos, que garantiam que a exposição constituía um combate à Academia das Belas Artes!...

Nos artigos que elogiaram o notável empreendimento, contava-se o que Mariano Pina escreveu para o *Correio da Manhã*, que teve o título de *Exposição do «Grupo do Leão»* — o mesmo nome da exposição de 1941.

Outras exposições se seguiram, as quais eram sempre visitadas pelos reis D. Fernando II, D. Luiz e Rainha D. Maria Pia, constituindo verdadeiros acontecimentos artísticos. Nessas exposições, figuraram, alguns dos melhores trabalhos de Silva Pôrto como *Salmeja*, *Campinos* e *Volta do Mercado*, tornando-se mais atraente ainda, pelo facto de aparecerem, em algumas delas, trabalhos de Columbano, Vilaça, Sousa Pinto, Carlos Reis e ainda de três senhoras: — D. Berta Ortigão, D. Josefa Greno e D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro.

*
* *

Corria calma a Primavera de 1885.

Um dia, nas habituais reüniões da Rua do Príncipe, constou que a «Cervejaria do Leão» ia acabar, por motivo de dissidência entre os proprietários Varela e Monteiro. O boato, que era verdadeiro, inquietou o Grupo, mas as informações do criado Manuel, foram o mais possível tranquilizadoras, pois garantiam que os artistas continuariam a ter casa para se reünirem! Nessa noite, bebeu-se cerveja à larga, e no meio da maior alegria, um dos artistas alvitrou quanto seria interessante dar à cervejaria um novo aspecto, o que se conseguiria com a decoração das paredes. O «Grupo do Leão», avistou-se com o proprietário Monteiro, para lhe dizer dos seus propósitos, oferecendo-se para decorar as paredes, o que faria gratuitamente como homenagem ao criado Manuel. O proprietário Monteiro aceitou o generoso oferecimento, manifestando o seu desejo de inaugurar o novo café no sábado da Aleluia, ou seja daí a vinte dias. O tempo era apertado, mas com boa vontade e invulgar entusiasmo, todos deitaram mãos à obra. No dia marcado, abriu o Café «Leão de Ouro»!

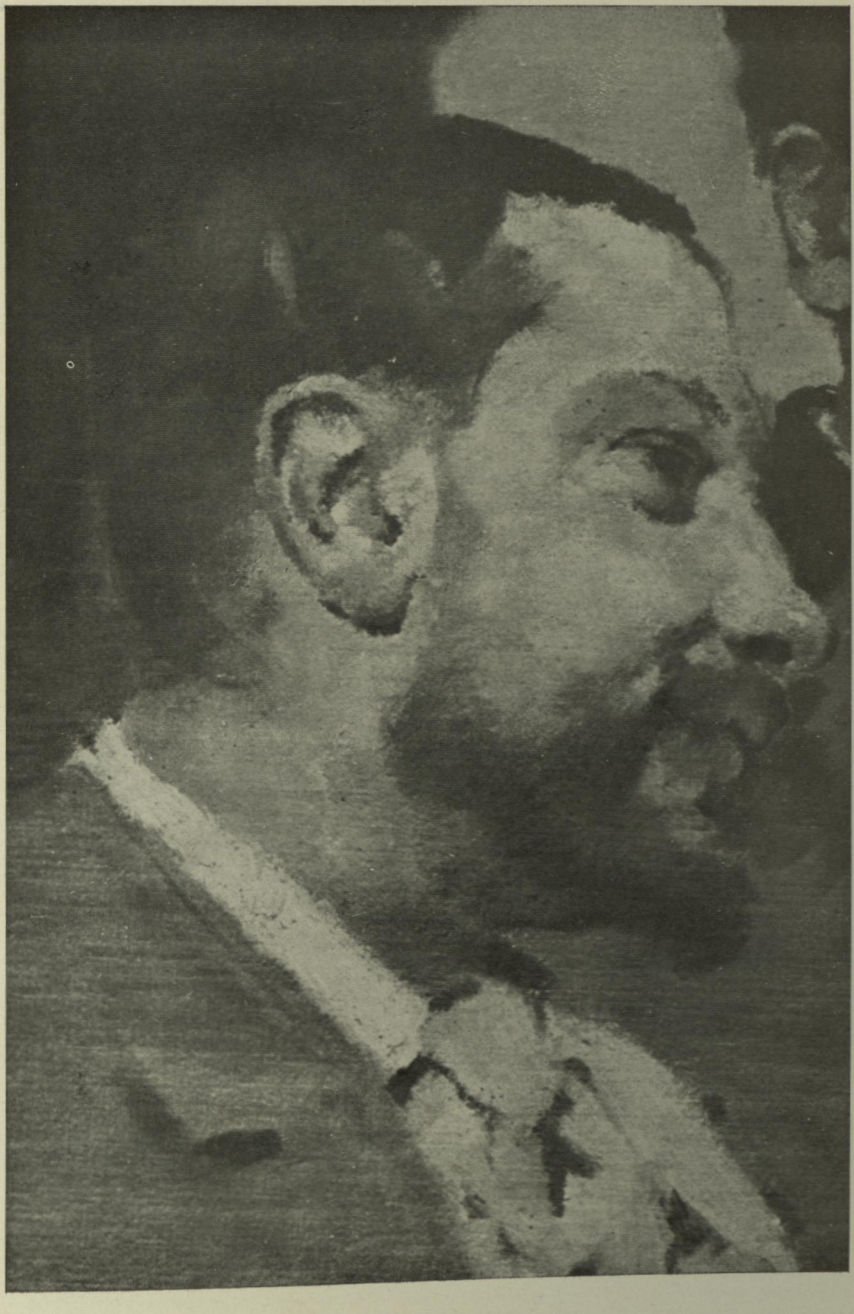
O caso deu brado. A Rua do Príncipe movimentou-se. Os visitantes, que se contavam por centenas, admiraram os quadros, felicitando vivamente os artistas.

Que quadros eram êsses, alguns dos quais figuram nesta exposição por generosa cedência de José da Costa?

À entrada, à esquerda, o *Paúl da Outra Banda*, assinado por Malhôa, hoje na posse de Alfredo da Silva; seguia-se o de Ribeiro Christino intitulado *Ponte do Fidalgo*, paisagem da região alcobacense; Moura Girão, deixou no *Interior do Curral* os animais da sua predilecção; por cima duma das portas, o retrato do Monteiro — proprietário do café — destacava-se da casaria

branca de Lisboa, graças ao pincel de Columbano; numa tela estreita Rodrigues Vieira pintou *Rosas e Begónias*; Rafael Bordalo deixou em traços do seu habitual humorismo, os companheiros do «Grupo»; João Vaz, pintou numa grande tela uma *Vista do Tejo*; Silva Pôrto executou primorosamente um *Quinteiro;* Malhôa apresentou ainda *Macieiras em Flor* com andorinhas a voar no espaço; por fim, o grande quadro de Columbano, representando o famoso *Grupo do Leão*, pintura evocadora da melhor, onde estão retratados, além dos artistas citados, o jornalista Alberto de Oliveira e dois criados, um dos quais é o simpático Manuel, tão querido de todos.

Do boémio «Grupo do Leão», surgiu mais tarde o «Grémio Artístico», que anos depois se transformou na «Sociedade Nacional das Belas Artes» a quem se deve a homenagem merecidíssima a um grupo de portugueses, que à volta de Silva Pôrto, conseguiu, com inteligência, trabalho, patriotismo e perseverança, formar uma escola de pintura contemporânea, que em qualquer parte do Mundo honra e dignifica a Arte nacional.



JOSÉ MALHÔA

Na Primavera de 1855, exactamente a 28 de Abril, nasceu nas Caldas da Rainha o artista que mais tarde havia de ser o mais português dos pintores de Portugal.

Com doze anos apenas, José Vital Branco Malhôa entrou para a Escola de Belas Artes de Lisboa, onde conquistou, logo no primeiro ano, o primeiro prémio, sucedendo outrotanto em todos os anos do seu curso.

Passou-lhe então pela cabeça completar no estrangeiro a sua educação artística, e para isso entrou em dois concursos para pensionista, nos quais o seu nome foi injustamente pôsto de parte.

Arreliado, desprezou tinta e pincéis, passando de diplomado em Belas-Artes, a caixeiro da loja de modas de seu irmão Joaquim.

Teve um ligeiro desânimo com a mudança de profissão, mas passados meses, nos curtos descansos da vida comercial, pintou o quadro *A Seara Invadida*, que numa exposição de Madrid alcançou sucesso, falando-se até, com enternecida admiração, no caixeiro que pintava quadros...

Aluno de Anunciação, Prieto, Simões de Almeida, Lupi e Vítor Bastos, possuía as mais altas condecorações e recompensas, e a sua obra, verdadeiramente monumental, espalhou-se por tôda a parte.

Para Malhôa a arte não tinha segredos. Motivos que outros desprezariam, aproveitou-os, conseguindo realizar obras verdadeiramente prodigiosas.

A obra de Malhôa, profundamente emotiva, é um compêndio de são nacionalismo, onde a sua garra formidável, vincou, de forma extraordinàriamente bela, as alegrias e tristezas da nossa gente.

Entre os seus trabalhos, contam-se *O Fado*, *Os Bêbados*, *A Procissão*, *Viático ao Têrmo*, *Azeite Novo*, *Á volta da romaria*, *Missa das seis*, *Basta meu Pai*, *Primeiro Cigarro*, *As cócegas*, *O Regedor*, *Barbeiro na Aldeia*, tantos e tantos outros que a crítica consagrou.

Como tôda a sua carreira de artista, os últimos anos da sua vida, constituíram uma lição de esfôrço e tenacidade. São dessa época os célebres quadros *Á Sombra*, *As Promessas* e *Conversa com o vizinho ;* hoje no Museu das Caldas:

A Vindima e *A Caminho da Romaria*, levados para o Brasil — nação que guarda grande parte da sua obra fecunda; e *Rosita*, *Varanda Florida*, *Emigrante* e *Varanda dos Rouxinóis*.

Nos seus últimos trabalhos, contam-se dois *pastéis* admiráveis: — *O Ventura*, velhote das terras de Figueiró, e *Desalento*, que a morte não deixou acabar — apontamento magnífico, guardado orgulhosamente na sua terra e que ficará sendo o seu último trabalho.

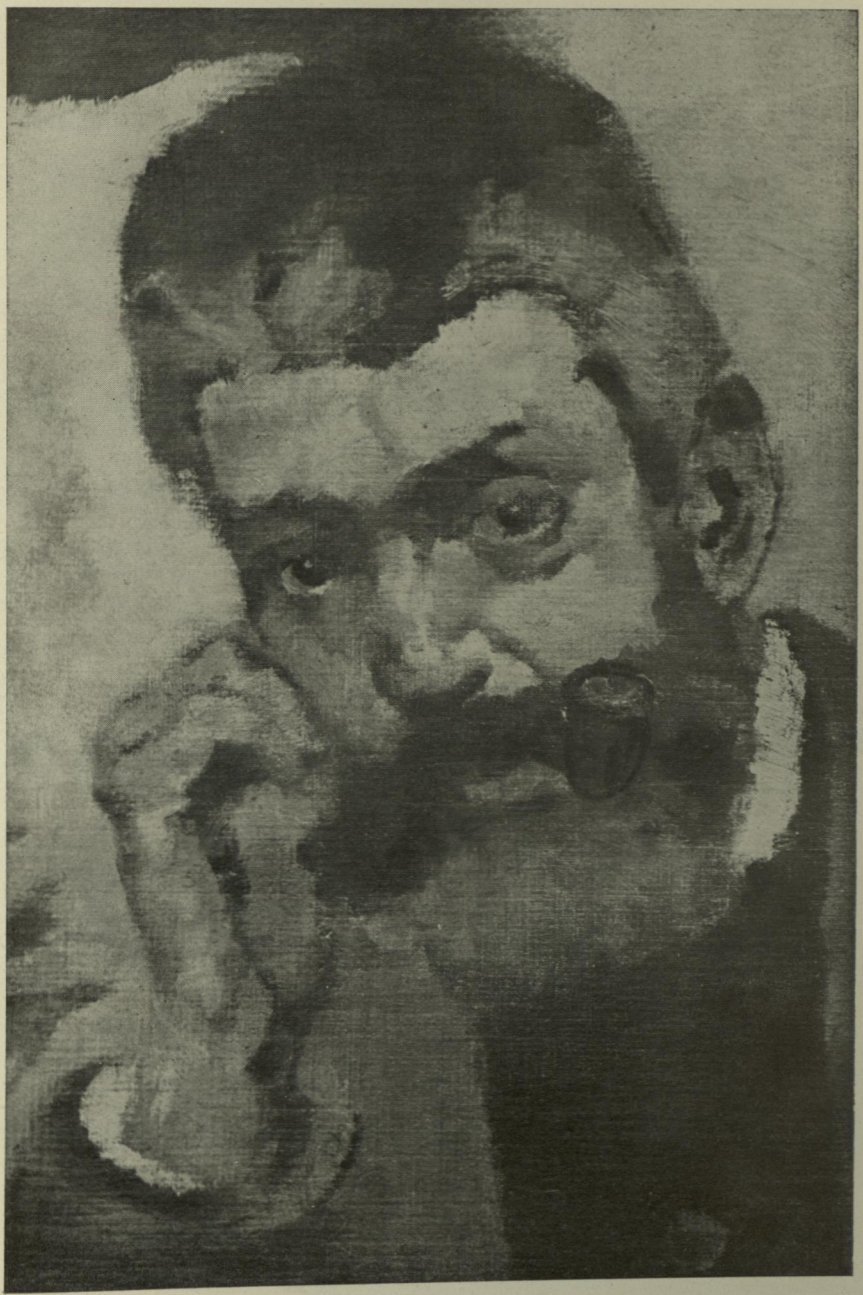
Em 26 de Outubro de 1933, quando a terra do Outono se entregava à faina embriagante da vindima, a morte fechou-lhe para sempre os olhos no «Casulo» de Figueiró.

Mãos femininas fizeram com que na câmara mortuária se não armassem panos negros. Um Cristo, entre luzes, à cabeceira, e em lugar de baetas pretas e listões dourados, quadros e flores, e em volta da urna onde dormia para sempre o grande artista, lenços de côr, chapéus de cavadores, cintas, aldeãs e chapelinhos aveludados de camponesas — a indumentária das suas personagens predilectas.

Seis meses depois, ergueu-se nas Caldas da Rainha um museu de Arte com o seu nome glorioso, onde se guardam sessenta trabalhos assinados pelo famoso pintor.

«Dotado de surpreendente vigor — afirmou-o Manuel de Sousa Pinto, o seu melhor biógrafo —, espírito de sempre rapaz, esforçou-se por durar, e deve ter partido com saüdades dos que deixava. Nunca o abandonou a alegria de viver e de pintar. É o segrêdo da sua arte e do seu modo de ser. Tinha setenta e oito bem empregados anos, que levou consigo, e para cima dum milhar de quadros e desenhos que nos ficaram.

São essas telas e papéis, as suas telas coloridas e os desenhos tão fortes, que formam a claridade compensadora da treva do seu desaparecimento.»



MOURA GIRÃO

Girão, nome porque era conhecido José de Sousa Moura Girão, foi um pintor consciencioso, cuja obra se espalhou pelos museus nacionais e galerias particulares.

No famoso quadro de Columbano, que representa o *Grupo do Leão*, encontra-se no primeiro plano uma figura de barbas, com ar carrancudo, soprando no inseparável cachimbo. É José de Sousa Moura Girão, o artitsa que deixou uma obra importante.

Durante trinta e seis anos Moura Girão exerceu o cargo de restaurador de Museu Nacional de Arte Antiga, realizando ao mesmo tempo muitas dezenas de trabalhos, nos quais revelou o seu temperamento de artista.

Não lhe sorriu a vida, pois lutou com as maiores dificuldades, que em parte foram vencidas com as diligencias da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Teve o pintor especial predilecção por galináceos, pintando-os com verdade impressionante.

Entre muitos outros trabalhos, devem-se-lhes os seguintes: *Uma família*, *Patos no Lago*, *Coelhos*, *Rivais*, *Á solta*, *Na Aldeia*, *Corridos*, *Na Arribana*, *Galináceos*, *Novos amores*, *Um valente*, *O Galo do Forneiro*, *No Campo*, *Cabeça de Gato*, *Um galo*, *O primeiro ôvo*, *No poleiro*, *Intruso*, *De Vigia*, *Vizinho Curioso*, *Cabeças de Coelho*, *Em Sociedade*, *Um Saltão*, *Dois casais*, *Esperando a refeição*, e muitos outros, nos quais firmou a sua personalidade de pintor-animalista.

Vitimada pela tuberculose, Girão faleceu com setenta e seis anos, sem que a sorte lhe mostrasse os seus sorrisos.



RODRIGUES VIEIRA

Nascido em Lisboa a 17 de Março de 1856, Rodrigues Vieira passou a sua mocidade na capital, tendo cursado a Academia Real de Belas Artes.

Companheiro inseparável dos artistas do «Grupo do Leão», acompanhou-os nas reüniões memoráveis da Rua do Príncipe, contribuindo grandemente para o êxito alcançado pelas exposições da «Promotora», do «Grémio Artístico» e do famoso «Grupo do Leão».

Depois dum curso brilhante, teve a ambição de ser nomeado professor de Desenho, o que conseguiu por despacho ministerial de 22 de Agôsto de 1887, tendo sido colocado em Leiria.

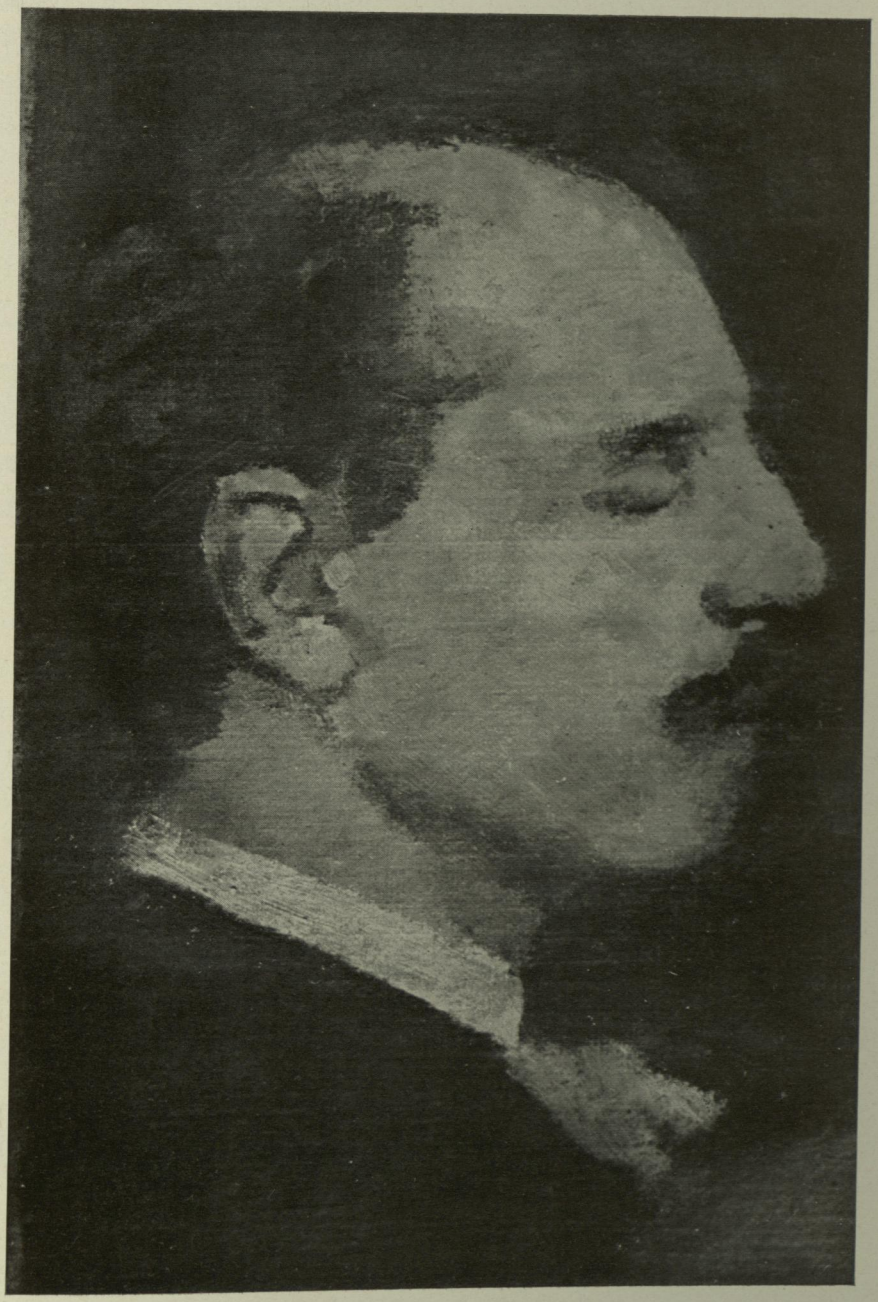
A païsagem bucólica dos campos do Liz, tentou-o várias vêzes, aparecendo em vários trabalhos.

Demorou-se em Leiria alguns anos, tendo sido depois nomeado professor de Desenho na Universidade de Coimbra.

A pesar de ter morrido muito novo deixou uma obra interessante, da qual fazem parte os trabalhos *Rosas*, *Sintra*, *Cabeça de Criança*, *O caustro de Celas*, *Quinta velha de Santa Cruz*, *Flôres e Frutos*, *O pôr do Sol*, *Papoulas e rosas*, *Praia da Nazaré*, etc., etc.

José Rodrigues Vieira, que também se dedicou à escultura, está representado no Museu Nacional de Arte Contemporânea e no precioso museu da «Casa dos Patudos».

Faleceu em Coimbra a 5 de Janeiro de 1898.



HENRIQUE PINTO

Nascido em Cacilhas a 15 de Março de 1853, Manuel Henrique Pinto, que desde muito novo mostrou grande vocação para o desenho, cursou a Academia Real de Belas Artes de Lisboa. Aluno laureado de Prieto, Anunciação e Simões de Almeida, uma vez concluído o curso, tomou parte nas exposições da «Promotora» e do «Grémio Artístico».

As suas relações com José Malhôa eram as mais íntimas, e êste facto, entre outros, deve ter contribuído para que fizesse parte do célebre «Grupo do Leão», tornando-se assíduo freqüentador do Café da Rua do Príncipe.

Nas férias, deslocava-se a Figueiró dos Vinhos e de tal forma se enamorou das païsagens sedutoras daquela região, que atraíu ali o seu amigo Malhôa.

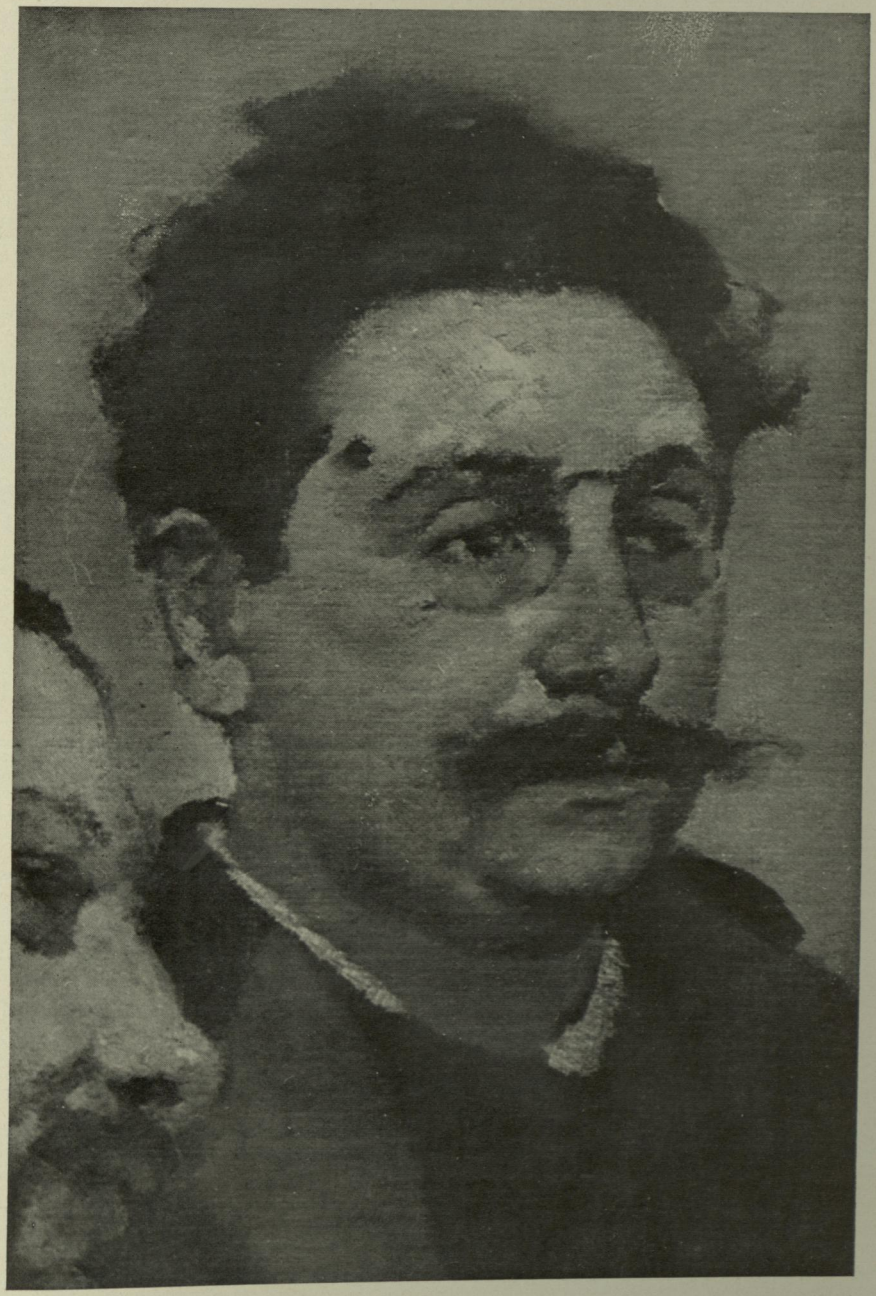
Juntamente com êste pintor, Henrique Pinto, que foi artista de merecimento, realizou uma obra interessante, que se espalhou pelos museus nacionais.

Expôs em França, Alemanha, Brasil e Espanha, conquistando altas recompensas, entre as quais se conta a Medalha de Ouro na Exposição do Rio de Janeiro em 1908.

Os seus principais trabalhos, foram *Na Lareira* e *Caça aos Taralhões* —, ambos adquiridos por El-Rei D. Carlos —, *A Ceia dos Porcos* — que fêz sucesso em Madrid —, *Uma Boa Mãe* e *Uma Teima*, que figura na Exposição do «Grupo do Leão» por gentileza da Ex.ma Senhora D. Laura Sauvinet Bandeira.

Devem-se ainda a Henrique Pinto, além de muitos outros os seguintes quadros: *Margens do Nabão*, *O Convento de Figueiró*, *O Casal*, *Castanheiros*, *Casal das Estevas*, *Impacientes*, *Esfolhando o milho*, *Na eira*, *Saída do Rebanho*, *As Velhas*, *Limpando o milho*, *Atando a palha*, etc., etc.

Manuel Henrique Pinto, faleceu em Figueiró dos Vinhos a 26 de Setembro de 1912.



JOÃO VAZ

No grupo de rapazes que cavaqueava nas mesas do Café «Leão de Ouro», distinguia-se, pela alegria e entusiasmo, a simpática figura do setubalense João Vaz.

Logo nas primeiras exposições organizadas pelo «Grupo do Leão», nas salas da Sociedade de Geografia e depois nas do Comércio de Portugal, apareceram trabalhos de João Vaz, que se impuseram pelos assuntos e pela honestidade de processos.

Criado à beira-mar, João Vaz pintava, com verdadeiro sentimento de côr, as águas mansas do Sado, deliciosas marinhas que elevaram o seu nome de artista consagrado.

Se bem que outros assuntos o tentassem como *O Castelo de Obidos*, *Caminho do Pinhal*, *A Porta da Igreja de Setúbal*, *O Convento de Santa Clara* e *A Tôrre das Cabaças* de Santarém, a verdade é que as marinhas o seduziram, sendo poucos os trabalhos onde as águas do Sado e do Tejo não apareçam.

Artista desde criança, entrou para a Academia de Belas-Artes em 1872, tendo sido discípulo de Anunciação e Silva Pôrto. Concluído o curso em 1878, fêz uma viagem de estudo por Madrid e Paris, onde se demorou algum tempo, na companhia de António Ramalho.

Nas exposições do «Grupo do Leão», os quadros e estudos de João Vaz impõem-no como pintor de grande merecimento. São dessa época os quadros *Margens do Sado*, *Convento da Arrábida*, *Á beira-mar*, *Barracas de Pescadores*, *Margens do Tejo* e outros.

Nomeado professor da Escola Industrial Afonso Domingues, em 1884, assume anos depois a direcção daquele estabelecimento de ensino.

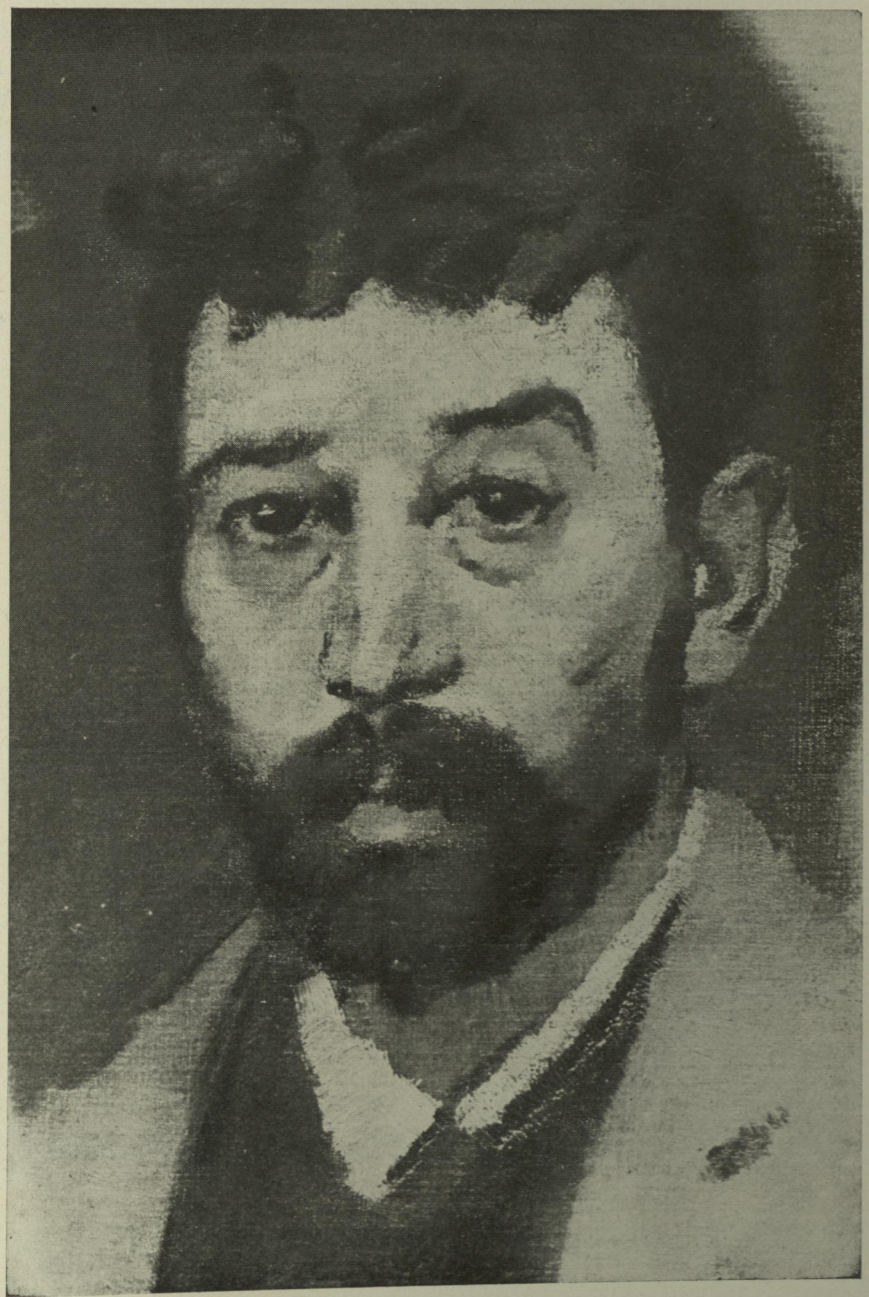
Nas exposições do «Grémio Artístico», as marinhas de João Vaz atraem os visitantes pela frescura e harmonia do colorido, constituindo muitas delas documentos de raro sabor etnográfico, onde não faltam barcos e pescadores.

Apaixonado pela vida ribeirinha da sua terra natal, cantou-a de tôdas as formas, deixando vincado em centenas de trabalhos o amor ao torrão onde nasceu. A pintura ocupa o melhor do seu tempo e as suas marinhas colhidas durante as férias, são conhecidas do público pela leveza e sentimento.

João Vaz foi também decorador, como se vê no Teatro Garcia de Resende, em Évora, onde realizou com António Ramalho uma obra interessantíssima.

Para Alcácer do Sal, pintou João Vaz um magnífico pano de bôca, cujo assunto é uma formosa marinha, e o elegante teatro da sua terra natal, deve a João Vaz a sua bela decoração. O pano de bôca, generosamente oferecido a Setúbal, é primoroso de execução.

Mais uma vez os assuntos marítimos o tentaram nesse documento artístico, que é também demonstração de amor a Setúbal e inegável prova de afecto pelas águas silenciosas do Sado.



SILVA PORTO

À frente do famoso «Grupo do Leão», figurava como orientador, um amante da païsagem, um cultivador da côr, um apaixonado da luz. Chamava-se António Carvalho da Silva Pôrto.

Nascido no Pôrto a 11 de Novembro de 1850, seguiu com distinção os cursos de pintura, escultura e arquitectura civil na Academia das Belas Artes, onde teve como mestre José António Correia.

Concluído o curso, seguiu para o estrangeiro como pensionista do Estado, discípulo de Cabanel, Daubigny, Beauverie, Yvon e Grosseller — e depois em Roma.

Concorrente às exposições do «Salon», de 1876 a 1878, os seus trabalhos mereceram a atenção da crítica parisiense, onde era conhecido pelo nome de António Pedro.

Uma viagem pela Europa coroava os seus estudos no estrangeiro, e uma vez em Lisboa, o convite dum amigo levou-o a aceitar o lugar de professor de pintura, vago pela morte de Anunciação.

Silva Pôrto desempenha então importante papel na vida artística portuguesa. Tem o culto da païsagem, e pinta-a com tal perfeição, que cria apaixonados. Entre êsses, estão os pintores de então, grupo de artistas independentes, que à volta da mesa dum café da Rua do Príncipe, discutia os mais variados problemas de arte.

Em 1880, Silva Pôrto apresenta-se pela primeira vez na exposição organizada pela «Promotora», tomando depois parte nas oito exposições realizadas pelo «Grupo do Leão» de 1881 a 1890 e nas três do «Grémio Artístico», de que foi Presidente da Direcção.

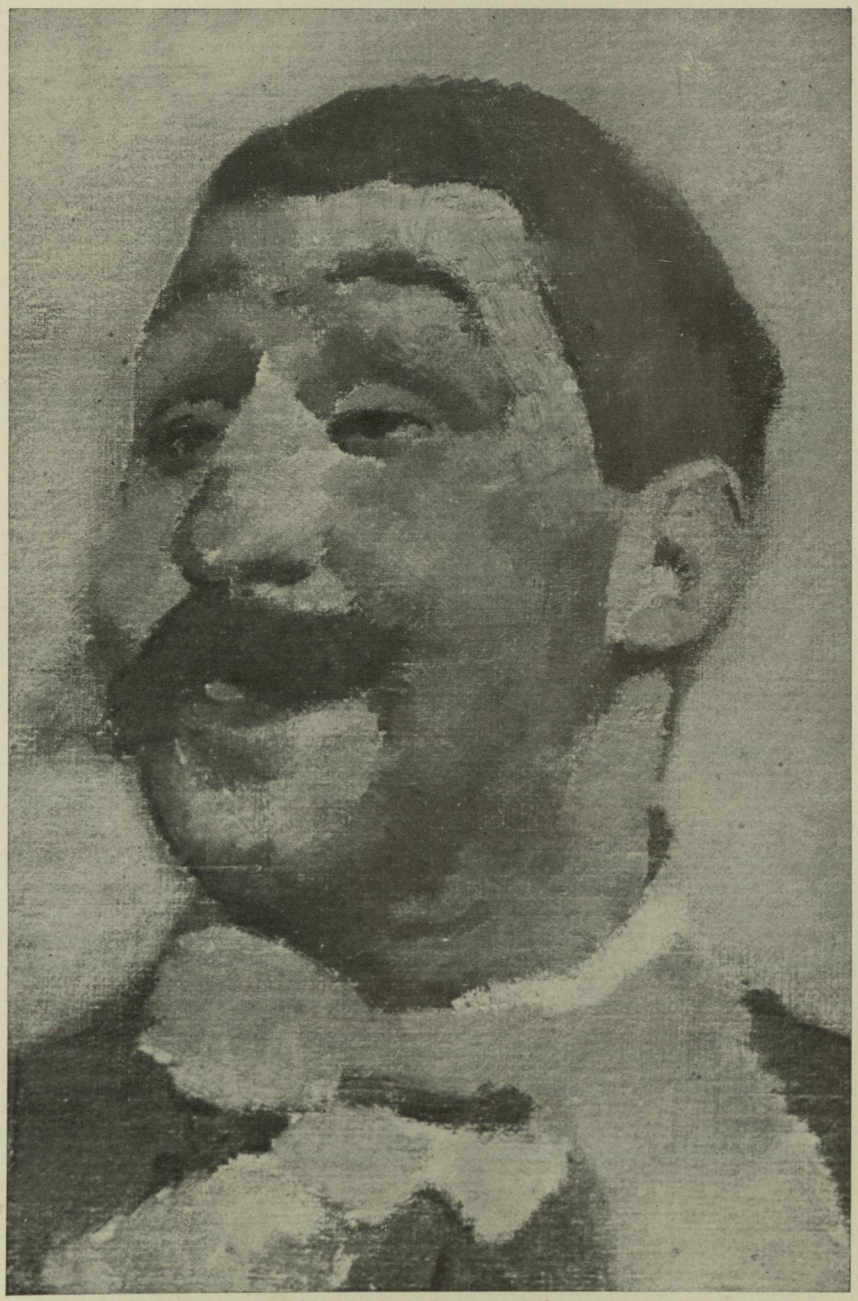
A maioria dos seus trabalhos, entre os quais se destacam *Salmêja*, *A Volta do Mercado*, *Os Campinos*, *Conduzindo o rebanho* e *Barca de passagem em Serreleis*, representa païsagens nortenhas, campos verdes do Minho, onde os prados, as árvores, os animais, o bucolismo da vida rural o encantaram profundamente.

Criou à sua volta um grupo de artistas notáveis, alguns dos quais lhe se-

guiram atentamente os passos. Pode dizer-se, que sem a personalidade forte de Silva Pôrto, o «Grupo do Leão» não teria sido o que foi.

Com a sua técnica, os seus assuntos, a sua luz inconfundível, foi o inspirador, o orientador, o Mestre daqueles pintores que depois foram Mestres, temperamentos raros de artistas e de portugueses, que à volta da mesa dum café pacato da Rua do Príncipe — verdadeira Academia de Belas Artes — se podem considerar os percursores da «Política de Espírito» do nosso tempo, tal a ânsia, o desejo, a tenacidade, o nacionalismo que deixaram vincados nos seus trabalhos portuguesíssimos.

Silva Pôrto, viveu para a arte. Morreu novo, com quarenta e dois anos apenas, e no delírio dos últimos momentos, olhando os cortinados do quarto, murmurou: — «Vejo ali uma figura, e além uma païsagem; com que vontade os desenharia». Assim nos deixou o amante da païsagem, o cultivador da côr, o apaixonado da luz que se chamou António Carvalho da Silva Pôrto.



alma bondosa, um espírito brilhante, disposto a ajudar os novos e a transmitir-lhes as facêtas extraordinárias do seu talento. Os méritos de António Ramalho começam a expandir-se, e um dos seus primeiros trabalhos — *A Praia do Alfeite* —, mereceu as atenções da crítica.

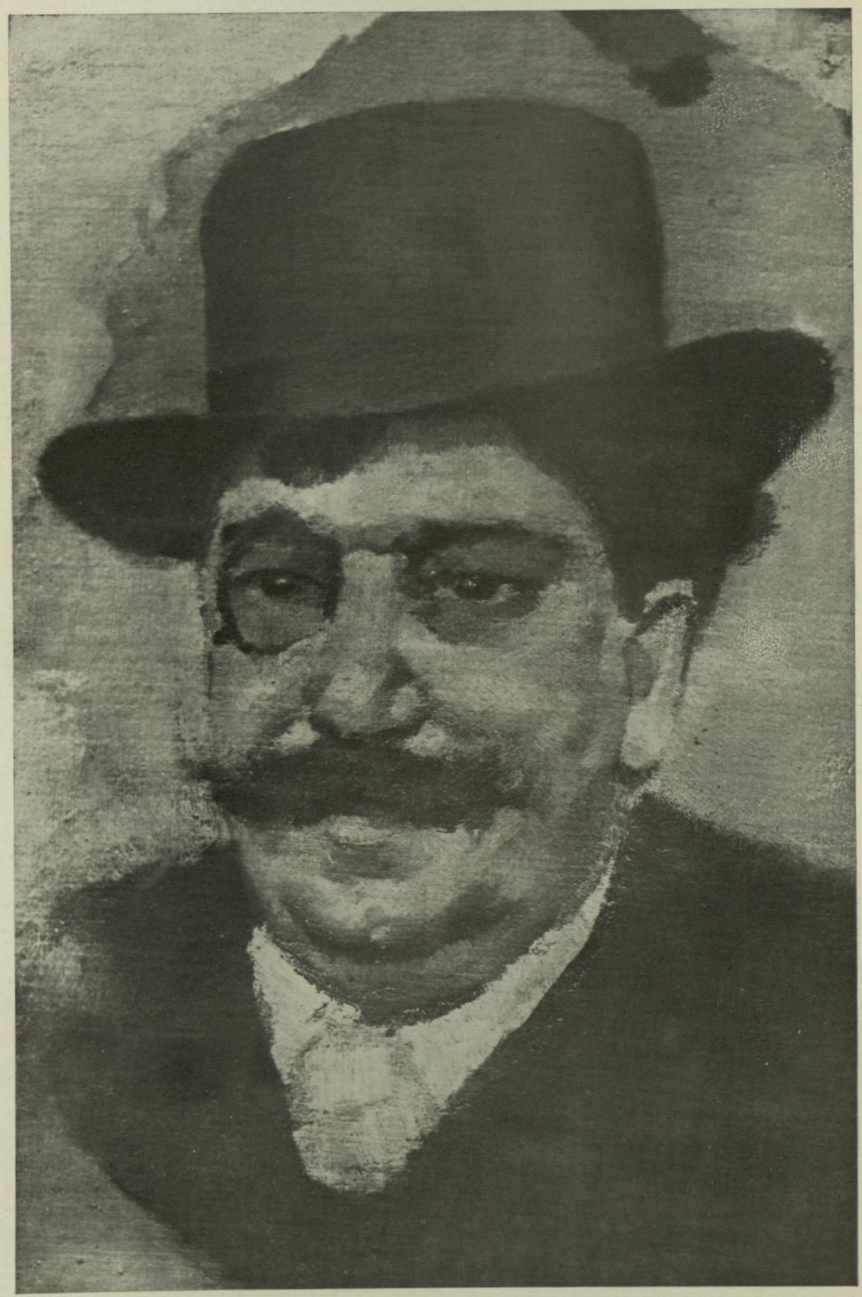
Concluído o curso de pintura com distinção, seguiu pouco depois para Paris como pensionista do Conde da Praia, onde foi discípulo de Cabanel.

No «Salon» de 1883 causa sucesso o seu quadro *O Lanterneiro*, que hoje pertence à Ex.ma Senhora Viscondessa de Assêca e foi gentilmente cedido para a Exposição do «Grupo do Leão».

De Paris, envia para Lisboa os seus trabalhos, que anunciam progressos notáveis, embora denunciem que o pintor sofre da nostalgia dos nossos campos e da luminosidade do sol português. Volta a Portugal, e expõe três cabeças de criança, que causam sensação pela delicadeza e originalidade da forma. Começa a fazer retratos, dos quais se destacam os de D. Helena Dulac e Abel Botelho, ambos indicadores de temperamento forte de homem e artista.

António Ramalho não foi só um grande pintor. Foi também decorador brilhante como o afirmam o Teatro Garcia de Resende em Évora e a Cervejaria Jansen de Lisboa. A sua mais notável obra de decoração é a do Palácio Soto Mayor, na Figueira da Foz. E até na aguarela e no desenho, foi artista sublime, portuguesíssimo na maneira de pintar.

Aqui está em duas linhas quem foi António Ramalho, o artista do «Grupo do Leão» que com 58 anos de existência deixou uma obra notabilíssima.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Aqui está um artista, que pelos seus invulgares merecimentos, ocupou lugar de inconfundível destaque na vida portuguesa.

Na dinastia bordalina, o nome de Rafael Bordalo Pinheiro, ocupa lugar primacial, não só pelas variadas facêtas do seu talento, mas pela simpatia e admiração criadas à sua volta.

Nascido em Lisboa em 21 de Março de 1846, começou a sua vida pela burocracia, incompatível com o seu espírito juvenil e irrequieto.

Estreou-se para o público em jornais satíricos de vida efémera, como *A Berlinda* e *O Calcanhar d'Achilles*, que mostraram a vivacidade da sua imaginação e a faculdade genial de grande caricaturista.

Teve em seu pae — Manuel Maria Bordalo Pinheiro — o melhor Mestre. Cultivou a aguarela, e dentre os trabalhos dêsse tempo que figuraram nas exposições da «Promotora», teve interêsse o quadrinho *Jogadores de petinga*, que foi reproduzido em gravura, na França, Espanha e Inglaterra. À Exposição de Madrid, realizado em 1872, mandou o quadro *Bodas na aldeia*, que alcançou os maiores elogios da crítica espanhola.

O lápis prodigioso de Rafael Bordalo, começa a tornar-se conhecido, e de tal forma, que quando a Espanha se debate nas lutas carlistas, o importante jornal *Illustrated London News* confia-lhe a crónica gráfica dos episódios de guerra, onde o nome de Rafael Bordalo alcança foros de notabilidade.

A caricatura chama-o, arrasta-o, prende-o, e o artista, obedecendo-lhe cegamente, funda o *Binóculo* e a *Lanterna Mágica*, começando a conquistar a popularidade que não mais o abandonou.

No fim de 1873, Rafael Bordalo partiu para o Brasil em busca de fortuna, onde fundou o *Besouro*, cujas ferroadas o fizeram voltar a Lisboa, onde anos depois associado com Guilherme de Azevedo, fundou o *António Maria* — verdadeiro monumento de crítica humorística, como o *Álbum das Glórias*, *A Paródia* e *Pontos nos ii*.

Caricaturista e decorador notável, apaixonou-se a certa altura pela cerâmica, passando o melhor da sua vida na fábrica das Caldas.

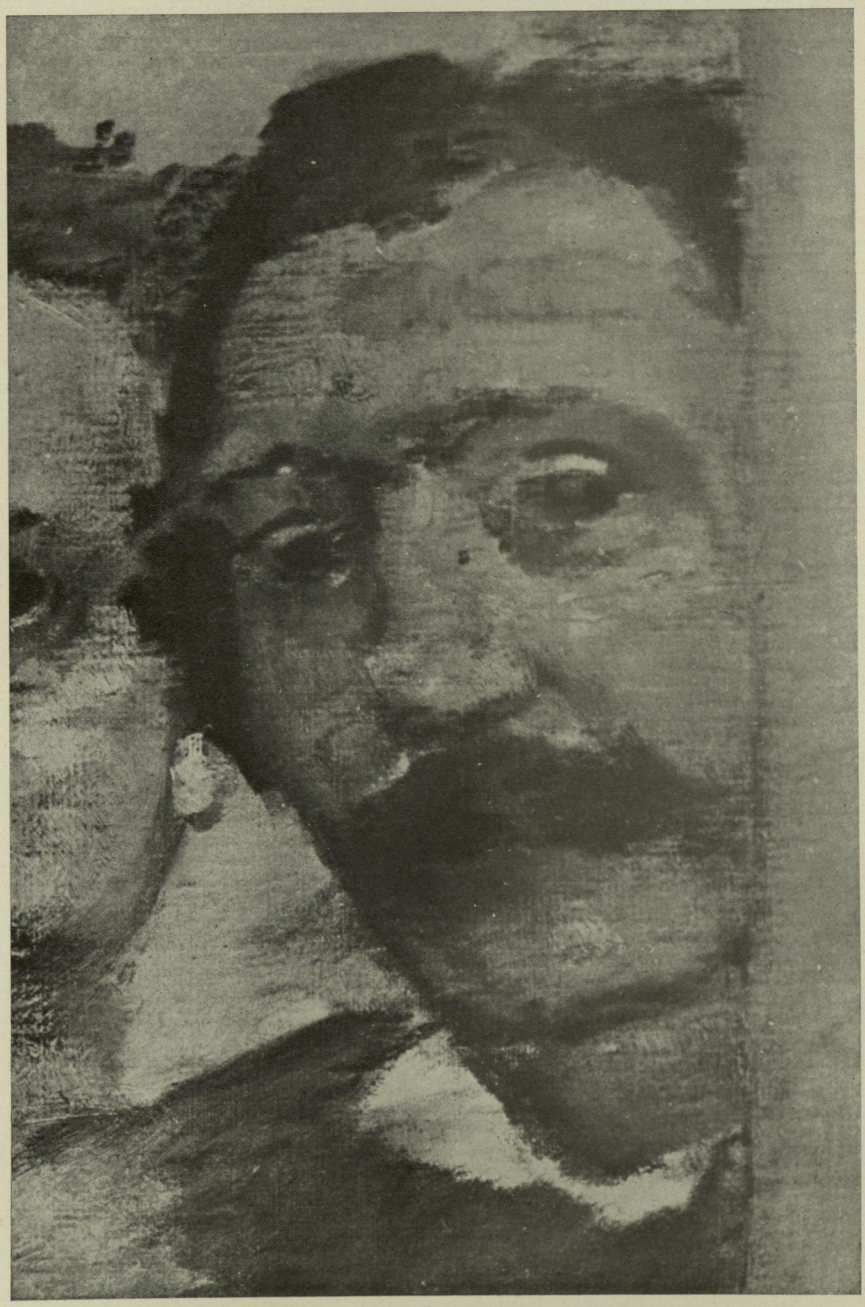
Aproveitando o que existia duma indústria regional decadente, Rafael

Bordalo, dotado de opulentíssima imaginação, consegue realizar, com o barro frágil da região, verdadeiras maravilhas.

Português dos melhores, tem a aspiração de restituir à arte portuguesa o seu cunho de originalidade, e aproveitando a flora e a fauna da região caldense executa as mais variadas peças de cerâmica — colecção interminável reveladora de excepcional talento. Modela o *Zé Povinho*, onde vinca, como nas famosas «figuras de movimento», a sua personalidade de caricaturista, e concebe peças de dimensões extraordinárias, caprichosamente decoradas que causam a admiração de nacionais e estrangeiros.

Entre os trabalhos que perpetuam o intenso labor da Fábrica das Caldas, merecem ser colocadas as esculturas em barro destinados às Capelas do Buçaco, interpretações assombrosas de expressão que engrandeceram o nome ilustre de Rafael Bordalo.

Alegre e expansivo, foi o artista mais amado do seu tempo, e a sua obra fecunda, espalhada pelas cinco partes do Mundo, impõem o nome glorioso do autor como autêntica glória nacional!

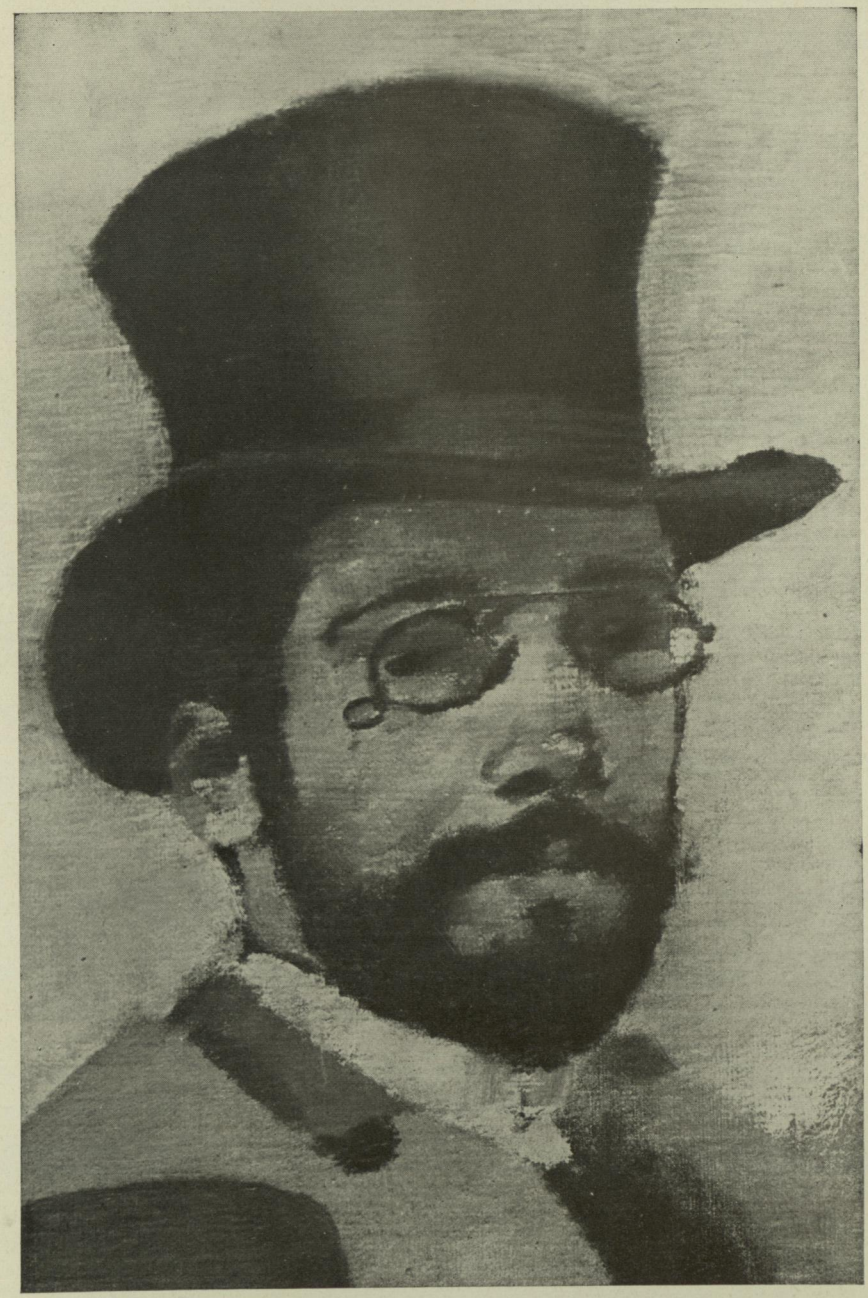


CIPRIANO MARTINS

Do «Grupo do Leão» fazia parte um artista, de quem não foi possível reünir dados biográficos, a pesar das tentativas feitas. Trata-se de Cipriano Martins, moço pintor que leccionava particularmente, deixando uma obra reduzida.

Entre outros trabalhos que realizou, contam-se os retratos de Castilho, Vítor Verol e do Pai do Artista, executados honestamente por um pintor de merecimento.

Nada mais se soube de Cipriano Martins, mas nem por isso o seu nome deixa de figurar entre os artistas consagrados, que em volta da mesa pacata dum café, levaram vida exemplar, contribuindo para o prestígio da pintura portuguesa contemporânea.



COLUMBANO

Desde muito novo que Columbano Bordalo Pinheiro, nascido em Almada em 1857, se afirmou um artista notável. Seu pai, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, era pintor de mérito, que com seus irmãos, cultores apaixonados da arte, formava uma verdadeira dinastia de artistas que deixou intenso rasto luminoso na terra portuguesa.

Aluno laureado na Academia das Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípulo de Lupi e Simões de Almeida, viu-se preterido nos concursos realizados em 1878 e 1879, mas em 1881, auxiliado pela Condessa de Edla, pôde concluir os seus estudos, em Paris, onde se demorou três anos.

Em 1882, apresentando-se como discípulo de Carolus Duran, expôs o quadro *Soirée chez lui* — hoje no Museu de Arte Contemporânea —, e a obra dum pintor novo, estrangeiro e desconhecido, desperta a atenção da exigente crítica francesa.

No ano seguinte, o retrato de Mariano Pina — companheiro de cavaco no café da Rua do Príncipe — faz prever o futuro dum retratista de singular merecimento. Regressa a Lisboa, onde os seus trabalhos, de princípio, não são devidamente apreciados. Os anos passam, a sua personalidade impõe-se e a magistral factura dos retratos de Bulhão Pato, Lopes de Mendonça, Bordalo Pinheiro e Eça de Queirroz, marcam notável superioridade.

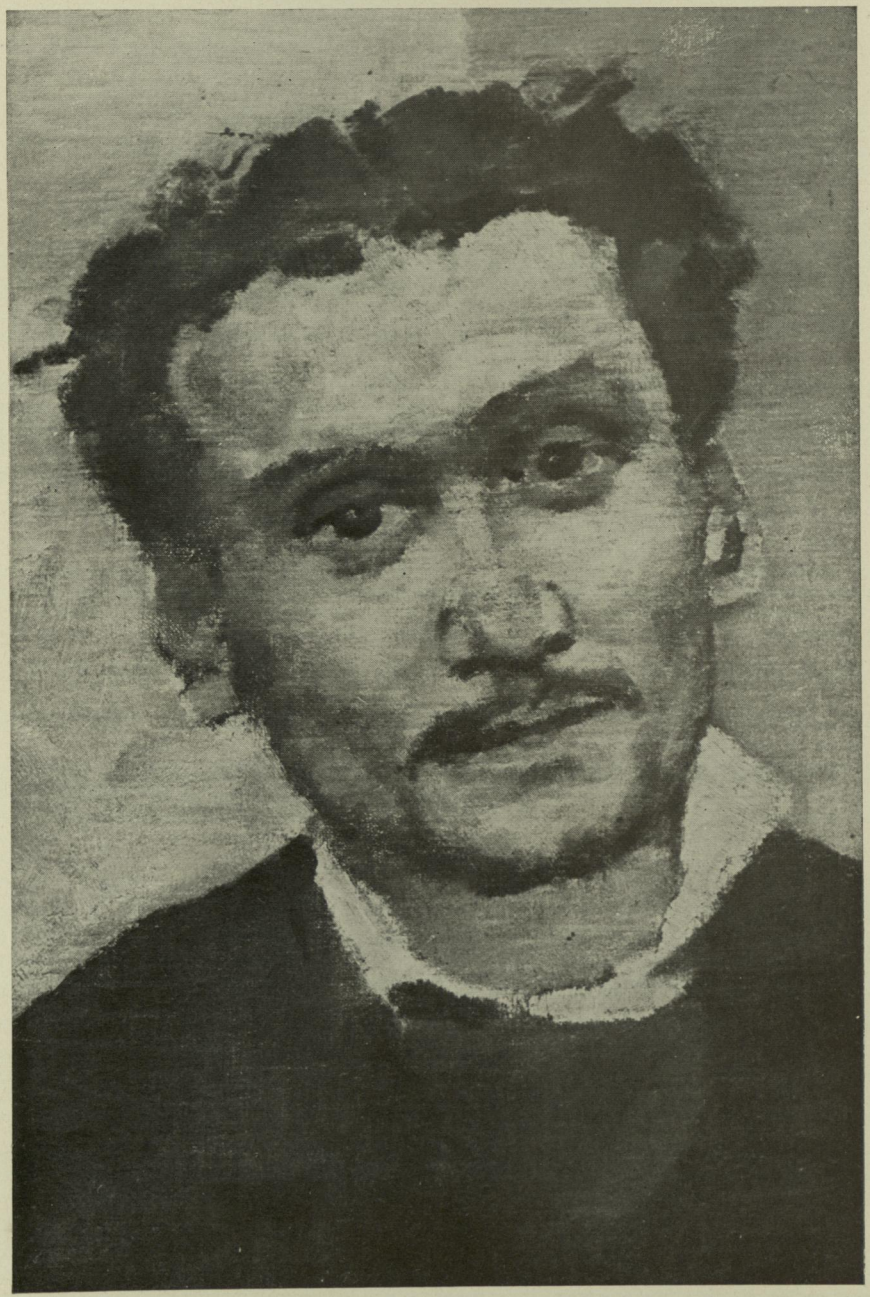
Nas férias, distrai-se a fazer escultura na fábrica que seu irmão Rafael instalou nas Caldas da Rainha. A luz branda da Estremadura, provoca-o, levando-o a executar preciosas aguarelas. Na decoração, sobressai o seu talento. A sala de recepção do Palácio de Belém, os aposentos da Senhora Rainha D. Amélia, os tectos das casas do Conde de Ficalho, Marquês da Foz e da Câmara Municipal de Lisboa, são trabalhos reveladores de valor excepcional.

Columbano não tarda a ser um pintor extraordinário, um dos raros que compreendem a arte. É vivo, profundo, expressivo, individual. Há na sua alma alguma coisa acima do vulgar, um ideal sublime que o coloca entre os maiores pintores europeus. Altivo, independente, concentrado, firma-se no retrato, que executa de forma assombrosa. O perfil de Oliveira Martins, o pastel delicioso de Constantino Fernandes, o famoso retrato de Casanova,

a fisionomia forte de Fialho, o olhar cismador de Eugénio de Castro, tudo o pincel de Columbano apresenta de maneira magistral. O retrato da Viscondessa de Sacavém, óleo com a forma e o aveludado do pastel, onde o busto delicado se destaca finamente da tela, é de superior elegância e expressão encantadora, constituindo um dos trabalhos da Exposição do «Grupo do Leão», graças à gentileza do filho da retratada, Senhor Visconde de Sacavém.

Levaria muito tempo a descrição da sua obra notável, tão dignamente representada na «Sala Columbano» dos Museus Grão Vasco de Viseu e Nacional de Arte Contemporânea. A Columbano se deve também o quadro principal desta exposição, que representa o célebre «Grupo do Leão», pintura evocativa dum período brilhante de Lisboa do século passado.

A morte de Columbano, numa manhã fria de Novembro de 1929, constituíu uma autêntica perda nacional.



RIBEIRO CRISTINO

João Ribeiro Cristino da Silva, mais conhecido por Ribeiro Cristino, era o mais novo dos componentes do «Grupo do Leão», e por graça de Deus, o único que chegou até aos nossos dias.

Nascido em Lisboa, na Rua do Arco das Damas, em 1858, freqüentou a Academia Real de Belas Artes, de 1870 a 1878, onde o pai era professor.

Aluno de Joaquim Pedro de Sousa, Joaquim Prieto, Vítor Bastos, Miguel Lupi e Tomaz da Anunciação, obteve boas classificações no seu curso.

Quando esteve em Lisboa o gravador espanhol D. José Severini, Ribeiro Cristino foi seu discípulo na gravura em madeira, para o que mostrara decidida vocação.

Órfão de pai, antes dos vinte anos, a educação recebida permitiu-lhe enfrentar a vida com serenidade, sem se afastar do campo artístico.

Começou a trabalhar na gravura para o *Diário Ilustrado*, e *Ocidente* publicações da época onde a colaboração do moço causou sucesso.

Em 1879, ao lado dos seus mestres, expôs pela primeira vez um grupo de estampas na Sociedade Promotora de Belas Artes. Não tardou a sua colaboração noutros jornais e revistas, como *A Arte* e *António Maria*, onde substituíu Ramalho.

Um dia, levaram-no ao «Café do Leão», e tão encantado ficou com o grupo de artistas que ali se reünia, que passou a ser freqüentador assíduo do café da Rua do Príncipe.

A influência de Silva Pôrto, tentou-o a pintar païsagens, tendo executado trabalhos de merecimento, que figuraram nas exposições do «Grupo do Leão», como *Um Pinhal*, *Na eira*, *Na Serra de Montejunto*, *Lago do jardim da Estrêla* e outros.

Muito estudioso, não tardou a ingressar no professorado das escolas industriais.

A sua acção como professor e director da Escola de Desenho Industrial Domingos de Sequeira, de Leiria, foi notável, tendo sido louvado e condecorado com a Ordem de Santiago de Espada. Anos depois, pediu a sua transferência para a Escola Rodrigues Sampaio, de Lisboa, e mais tarde

para a Escola Marquês de Pombal, onde continuou a afirmar as suas qualidades pedagógicas.

Um dia, deixou Portugal, com o fim de organizar no Pará o ensino industrial no «Instituto Lauro Sodré», onde assumiu a direcção daquele estabelecimento e se impoz pela proficiência com que instalou os serviços de ensino profissional.

Em 1891, por indicação de S. M. El-Rei D. Carlos, executou o projecto dos túmulos de D. Afonso V, D. José II e do Príncipe D. Afonso para o Mosteiro da Batalha.

Os anos passam. Morreram todos os companheiros do «Grupo do Leão», e Ribeiro Cristino, muito velhinho, sente deslizar as lágrimas, ao recordar os amigos queridos, que em volta das mesas do Café da Rua do Príncipe, tão alto ergueram a arte portuguesa.

CATÁLOGO

Silva Porto

1 — PAISAGEM
2 — PRAIA (Setúbal)
3 — BARCOS DO DOURO
4 — VACAS
5 — MINHOTA
(pertencem ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

6 — PALMEIRAS
7 — CASAS
(pertencem à Casa Palmela)

8 — PAISAGEM
9 — PAISAGEM
10 — PAISAGEM
11 — MARINHA
12 — LOTA DO PEIXE
13 — INTERIOR DE CAPELA (Itália)
(pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. A. Anastácio Gonçalves)

14 — PORTINHO DA ARRÁBIDA
(pertencem ao Ex.mo Sr. Karl Andresen)

15 — CARNEIROS
16 — ESTUDO DE BOIS
17 — PAISAGEM
(pertencem ao Ex.mo Sr. Visconde de Sacavém)

18 — RETRATO
19 — AREIAS
20 — AREIAS
21 — PAISAGEM
(pertencem ao Sr. Dr. Bustorff Silva)

22 — A VOLTA DO MERCADO
(pertence ao Museu de Arte Contemporânea)

23 — CONVERSANDO
24 — BURROS (Estudo)
25 — PAISAGEM
(pertencem ao Ex.mo Sr. José da Costa, antigo proprietário do Restaurante Leão)

26 — RIBATEJO
27 — COSTUMES ALENTEJANOS
(galeria do Palácio da Ajuda)

28 — PAISAGEM
29 — BARCAS
(pertencem ao Ex.mo Sr. José Filipe Rodrigues)

Columbano

30 — RECITAÇÃO
31 — MELÃO
32 — ESTUDO PARA DECORAÇÃO (Pastel)
33 — » » » (»)
(pertencem ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

34 — RETRATO DA SR.ª DE BORDALO PINHEIRO
(pertence ao Museu provincial José Malhôa, Caldas da Rainha)

35 — RETRATO DE D. ANA ARRUELA (ARNOSO) — (Pastel)
(pertence ao Sr. Conde da Póvoa)

36 — CONVITE À VALSA
37 — ESTUDO PARA «CAMÕES E AS TÁGIDES»
38 — » » «CAMÕES»
39 — RAPAZ AO PIANO
40 — PAISAGEM
(pertencem ao Ex.mo Sr. A. Anastácio Gonçalves)

41 — COUVE
42 — CABEÇA DE MULHER
(pertencem ao Ex.mo Sr. Karl Andresen)

43 — A VOLTA DO PASSEIO
44 — CABEÇA DE MULHER
(pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. Alfredo da Cunha)

45 — RETRATO DO SR. VIANA DE CARVALHO E SUA FILHA
46 — COUVE
47 — ESTUDO PARA O «SANTO ANTÓNIO»
48 — RETRATO DO EX.mo SR. DR. MANUEL TEIXEIRA GOMES (Estudo)
(pertencem ao Ex.mo Sr. Viana de Carvalho)

49 — SALOIO TOCANDO GUITARRA
50 — RETRATO DA SR.a VISCONDESSA DE SACAVÉM
(pertencem ao Ex.mo Sr. Visconde de Sacavém)

51 — FRUTAS
(pertence à Ex.ma Sr.a D. Emília Bordalo Pinheiro)

52 — SANTO ANTÓNIO
53 — A LUVA CINZENTA
54 — CHÁVENA DE CHÁ
55 — NATUREZA MORTA
(pertencem ao Museu de Arte Contemporânea)

56 — QUADRO REPRESENTANDO O «GRUPO DO LEÃO»
(pertence ao Ex.mo Sr. José da Costa, antigo proprietário do Restaurante Leão)

57 — RETRATO DE CASANOVA
(pertence à Ex.ma Sr.a D. Elisa Samwel da Silva)

José Malhôa

58 — DAR DE BEBER A QUEM TEM SÊDE
59 — BASTA MEU PAI
60 — OVOS
(pertencem ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

61 — RETRATO DE D. LAURA SAUVINET BANDEIRA
62 — DESCANSO DO MODÊLO
63 — PROMESSAS
64 — CONVERSA COM O VISINHO
(pertencem ao Museu Provincial José Malhôa)

65 — O FADO
(pertence à Câmara Municipal de Lisboa)

66 — SABOREANDO
(pertence à Casa Palmela)

67 — NO JARDIM
68 — A LAVADURA
69 — A RETARDATÁRIA
70 — IDÍLIO
71 — PASTORINHO
72 — CABEÇA DE MULHER
73 — GAROTO (Estudo)
(pertencem ao Ex.mo Sr. José Filipe Rodrigues)

74 — COMO ÊLES SE CRIAM
75 — HORTENSES
(pertencem ao Ex.mo Sr. Karl Andresen)

76 — A REGA DO ALFOBRE
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Alfredo da Cunha)

77 — PADEIRAS
78 — GRITANDO AO REBANHO
(pertencem ao Ex.mo Sr. Ernesto dos Santos Bastos)

79 — PALEIO
80 — CAÇA
(pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. Eduardo Caetano Nunes)

81 — FESTEJANDO O S. MARTINHO (Estudo)
82 — OS PRETOS DE S. JORGE
(pertencem ao Ex.mo Sr. Dr. Azeredo Perdigão)

83 — ESPANTANDO OS PARDAIS DA SEARA
(pertence ao Ex.mo Sr. D. Pedro de Melo e Castro)

84 — VARANDA FLORIDA
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Eurico Lisboa)

António Ramalho

85 — OVELHA
86 — CABEÇA DE MULHER
87 — MULHER DA BILHA
(pertencem ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

88 — CANTONEIROS
89 — MULHER DE JOELHOS
90 — PEDINTE

91 — CLAUSTRO
(pertencem ao Ex.mo Sr. Conde da Póvoa)

92 — ASILADOS
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Alfredo da Cunha)

93 — O LANTERNEIRO
(pertence ao Ex.mo Sr. Visconde de Asseca)

94 — ESTUDO

95 — MULHER COM FLORES

96 — POMBAL NO ALENTEJO

97 — PRAIA EM LEÇA
(pertencem à Ex.ma Sr.ª D. Maria Emília Campos Ferreira da Silva)

98 — ESCULTOR ALBERTO NUNES
(pertence ao Museu de Arte Contemporânea)

99 — PRAÇA DA CONCÓRDIA (Paris)
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. A. Anastácio Gonçalves)

João Vaz

100 — BARCOS EM SETUBAL
(pertence ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

101 — RAPAZ AO LEME
(pertence ao Ex.mo Sr. Conde da Póvoa)

102 — TERREIRO DO PAÇO

103 — ROCHAS (Setúbal)

104 — BARCO

105 — CANOA DA PICADA

106 — MIRAGEM

107 — BARCOS
(pertencem à Casa Palmela)

108 — IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA (Tomar)
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. A. Anastácio Gonçalves)

109 — ONDA
(pertence ao Ex.mo Sr. Karl Andresen)

110 — PAISAGEM (Setúbal)
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Alfredo da Cunha)

111 — MARINHA
112 — INTERIOR DA IGREJA DA GRAÇA (Setúbal)
113 — CORO DA MADRE DEUS
114 — PITEIRAS
115 — PENICHE
(pertencem ao Museu de Arte Contemporânea)

116 — BARCOS
(pertence ao Ex.mo Sr. Marcelino Correa)

117 — BARCOS
(pertence ao Ex.mo Sr. José da Costa, antigo proprietário do Restaurante Leão)

Henrique Pinto

118 — CONVENTO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
(pertence ao Museu Provincial de José Malhôa)

119 — PERRICE
(pertence ao Ex.mo Sr. Ernesto Santos Bastos)

120 — ADORMECIDO
121 — CABEÇA DE ESTUDO
122 — O QUELHÃO (Figueiró dos Vinhos)
(pertencem ao Ex.mo Sr. Luiz A. Pinto)

Girão

123 — PINTAINHO
(pertence ao Ex.mo Sr. Visconde de Sacavém)

124 — GALOS
125 — GALINÁCEOS
(pertencem ao Ex.mo Sr. Marcelino Corrêa)

126 — COELHOS
127 — NO CURRAL
(pertencem ao Ex.mo Sr. José da Costa, antigo proprietário do Restaurante Leão)

128 — BICHARADA
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Azeredo Perdigão)

129 — UM VALENTE
(pertence ao Ex.mo Sr. Eng. Raúl César Ferreira)

Rodrigues Vieira

130 — NAZARÉ
(pertence ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

131 — PINHEIROS
(pertence ao Ex.mo Sr. Dr. Alfredo da Cunha)

132 — QUINTA DA SANTA CRUZ (Coimbra)
133 — FLORES
(pertencem ao Ex.mo Sr. João Rodrigues Vieira)

Rafael Bordalo Pinheiro

134 — CARICATURA DO ACTOR TELMO LARCHER
135 — » » A. LEMOS
136 — JOGO DA PETISCA
137 — HOMEM QUE JÁ RIU
138 — HOMEM QUE RIU MUITO
139 — O CHIM
140 — RAPAZ DOS FÓSFOROS
141 — » » PALITOS E ROCAS
142 — ALENTEJANO
(pertencem ao Museu Bordalo Pinheiro)

Ribeiro Cristino

143 — CASTELO DE LEIRIA
(pertence ao Ex.mo Sr. José da Costa, antigo proprietário do Restaurante Leão)

144 — PAISAGEM BRASILEIRA
145 — ARREDORES DE LEIRIA
146 — VESTIDO DA NOIVA
(pertencem ao autor)

147 — PÁTEO SALOIO
(pertence ao Ex.mo Sr. Agostinho Fernandes)

Cipriano Martins

148 — RETRATO DE VICTOR VEROL
149 — IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA (Tomar)
150 — MARGENS DO NABÃO
151 — MARGENS DO NABÃO

(pertencem à Ex.ma Sr.a D. Judith Lupi Verol Aboim Vila-Lobos)

1.500 exs. — 4-7-1941 — Bertrand (Irmãos), L.da — Lisboa




BIBLIOTECA DE ARTE

30001001634228